

L'AFFAIRE DREYFUS¹ E A UTOPIA NATURALISTA

M. Inês C. Arigoni (UFRGS)

RESUMO:

O objetivo deste trabalho é apresentar considerações sobre o papel de Émile Zola no episódio Dreyfus e as relações deste com a ficção *Vérité* (1902). O Segundo Império, por um lado, foi um período marcado por produções culturais direcionadas à burguesia. A Terceira República, por outro, coexistiu com uma efervescência social contínua que implicaram as forças do antigo regime, da burguesia e do operariado que teve como consequência a expansão e a diversificação da imprensa francesa, colocando em evidência a informação política e social, o comentário e a análise. O naturalismo revela-se um movimento artístico engajado, reafirmando o que escritores realistas já haviam dito sobre a importância dos acontecimentos contemporâneos. O episódio Dreyfus foi uma crise que envolveu os jornais do final século XIX e mobilizou a opinião pública, mas foi, sobretudo, uma das grandes batalhas de É. Zola. Para compreender este processo é necessário identificar suas raízes que estão no movimento boulagista e no que ficou conhecido como escândalo do canal do Panamá. Três eventos que estiveram interligados e que foram processos políticos, econômicos e fenômenos midiáticos. A campanha que teve Zola como protagonista pela absolvição de Dreyfus mobilizou políticos, jornalistas e escritores, o que gerou dois: os favoráveis e os contrários a Dreyfus. *L'affaire Dreyfus* inspirou Zola, em 1902, no argumento de seu romance *Vérité*, que surgiu em folhetim no jornal *L'Aurore*. Esta ficção traz consigo um conjunto de valores utópicos relacionados à escrita naturalista: Luta pela justiça e pela verdade.

Palavras-chaves: *L'affaire Dreyfus*. Naturalismo. Émile Zola. Jornalismo. Literatura.

Introdução

O período do Segundo Império (1852-1870) coincide com uma expansão sem precedentes do comércio e da indústria francesa e, conseqüentemente, da população da cidade de Paris. O novo imperador desejava mais que uma prosperidade nacional, ele tinha ambições imperiais grandiosas e se engajou em disputas com a Itália, a Rússia, a Áustria e em uma guerra com a Prússia. Àquela época, os periódicos que, em relação à censura, tinham vivenciado momentos mais ou menos difíceis conheceram um progresso significativo, com grandes tiragens, em consequência de haver uma conjuntura florescente e de relevantes avanços tecnológicos.

A vida artística do Segundo Império, segundo Hauser (1972, p. 943), foi dominada por produções fáceis e agradáveis, destinadas à burguesia bem instalada e ao espírito passivo. Uma literatura que não era mais que uma distração, uma música

¹ Episódio Dreyfus (tradução nossa).

simples e cativante, uma pintura que era somente uma decoração das paredes, uma literatura que não passava de uma diversão para ociosos.

Na evolução do cenário político e histórico, a Terceira República Francesa (1870-1940) foi declarada durante a guerra franco prussiana. Com a derrota face aos prussianos, os conflitos entre as classes sociais e os grupos políticos foram reforçados, colocando os operários parisienses contra o governo republicano à Versailles, sob a presidência de Adolphe Thiers. O apogeu dos conflitos resultou, em 1871, na proclamação de um governo autônomo, a Comuna de Paris, que durou somente 72 dias e desenvolveu uma política de forte inspiração socialista.

O crescimento do jornalismo era ininterrupto, a Terceira República foi um período para a imprensa de expansão e de diversificação, pela coexistência de jornais políticos, de opinião – alguns muito, outros nem tão engajados – que colocaram em evidência a informação política e social, o comentário e a análise. Este período histórico coabitou com uma efervescência social contínua e de grandes litígios que implicaram as forças do antigo regime, da burguesia e do operariado. Desses conflitos, o projeto burguês, que se apoiou sobre um forte sentimento nacionalista, saiu reforçado. O episódio Dreyfus, que colocou em cena o antissemitismo, ilustra esse contexto em dois relevantes aspectos: o da política e o da comunicação.

Em contrastes com esse panorama, o naturalismo revela-se um movimento artístico engajado. Pode-se pensar Courbet como um de seus primeiros mestres e uma referência. Courbet declarou-se não somente socialista, mas igualmente democrata e republicano, em uma palavra, um partidário da revolução e, mais do que tudo, pertencente ao movimento realista. Quando Zola (2006, p. 341, tradução nossa) declarou: "A República será naturalista ou não será", ele não estava unicamente ao ritmo dos acontecimentos; manifestava também como sua obra portaria os desafios e as batalhas de sua contemporaneidade.

Na obra de Émile Zola, encontramos dois mundos diversos, relacionados, mas não segmentados, o da literatura e o do jornalismo, que revelam o contexto histórico e os embates do romancista. Zola, como uma espécie de escritor-jornalista, integrou essas duas esferas e, com o naturalismo, abriu para a literatura novas perspectivas, pensando o romance como um meio eficaz a serviço do homem.

O realismo

Ao deparar com o movimento realista do século XIX, se é levado a relativizar a distinção que se conhece hoje entre o que é jornalismo e o que é literatura. A principal convenção que rege o jornalismo é o compromisso com a realidade, o que resulta em um pacto com o leitor de a narrativa jornalística ter, por objeto, um fato real e não imaginário, diferentemente do que se convencionava para a literatura. Não se trata aqui de negar as diferenças entre as duas esferas, mas de destacar como suas fronteiras estavam difusas àquela época. Os realistas, como confirmam as palavras de Champfleury (1857 apud ROY-REVERZY, 2008, p. 9, tradução nossa), associaram a produção literária à realidade, “[...] o romancista não julga, não condena, ele se contenta em expor os fatos [...] a reprodução da natureza pelo homem não será jamais uma reprodução, uma imitação, será sempre uma interpretação”. Nos anos mil e oitocentos, o realismo foi um movimento relevante cuja evolução obviamente produziu nuances. É, nesse processo, que a escola naturalista se inscreve com um matiz próprio.

O romance naturalista

O projeto naturalista não só reafirmava o que escritores realistas já haviam dito sobre a importância dos acontecimentos contemporâneos, como também assegurava a necessidade de um método de trabalho literário mais próximo à ciência que envolvia a observação dos fatos, a busca pela verdade, a intuição, o encadeamento lógico em um estilo claro e simples. A proposta de Zola para o romance moderno antecipava, de certa maneira, aquilo que mais tarde seria consolidado no campo jornalístico como o gênero da reportagem. Isto leva a pensar que Zola foi um precursor do protocolo o qual, em pouco tempo, o jornalismo adotaria tanto como método de apuração quanto como formato do texto, o que, por si só, posiciona Zola em relação ao jornalismo com singularidade.

O paradigma naturalista forjou um romance mais objetivo, com a finalidade de subsidiar esse novo formato. Empregou técnicas como a do desenho, da fotografia e da entrevista, fazendo com que os escritores agissem da mesma forma que os *faits-diversiers* e os incipientes repórteres que saíam às ruas em busca de novidades e de inspiração.

A campanha de Zola e Dreyfus

O episódio Dreyfus foi uma crise que envolveu a mídia, mobilizou e cristalizou a opinião pública. Os meios de comunicação consolidaram-se, desde o final do século XIX, como elementos importantes que agem tanto para moldar a opinião pública como para dar-lhe a palavra – uma ambiguidade que se evidencia em grandes debates e crises políticas. O episódio Dreyfus foi uma das grandes batalhas de É. Zola, o autor disputou a opinião pública e quem lhe concedeu a palavra foram os jornais. A luta de Zola dialoga com sua utopia naturalista. A escrita, seja literária ou jornalística, apresenta-se para o romancista como uma busca maior, uma busca pela verdade e pela justiça.

O episódio Dreyfus se constituiu na vida política francesa como uma ruptura, colocando cada indivíduo na obrigação de se posicionar em relação a determinado conjunto de princípios, acentuando as clivagens políticas e clarificando o confronto de duas visões de mundo, de duas concepções de sociedade e duas escalas de valores (DENIS; LANGRÉE; VEILLARD, 1995).

Este episódio pode ser assim resumido: Capitão Dreyfus – cidadão francês, oficial da artilharia, judeu – sofrera a acusação de traição. Ele supostamente teria fornecido à Alemanha informações militares de mais alta relevância. Havia descoberto, dentro de uma cesta de papel, na Embaixada da Alemanha, um borderô anunciando a entrega de notas secretas. A escritura deste documento foi analisada por peritos que concluíram que a letra era de Dreyfus. Este acabou sendo vítima de uma conspiração, que resultou, em 1894, em sua condenação à degradação militar e à deportação perpétua. Dois anos depois, Zola engajou-se na defesa de Dreyfus.

Em relação à condenação de Dreyfus, Zola agiu como um homem livre, utilizando sua celebridade para defender um inocente em nome de valores universais. A campanha preconizada por Zola se iniciou com três artigos publicados no jornal *Figaro* e teve continuidade com uma série de três brochuras. Na primeira, *Lettre à la Jeunesse*, Zola faz um apelo aos jovens para se juntarem a ele nessa caminhada pela verdade.

Juventude, juventude! Esteja sempre com a justiça. Se a ideia de justiça se obscurecer dentro de ti, tu correrás todos os perigos. [...] Aonde vão vocês, aonde vão, estudantes que percorrem as ruas, manifestando-se e lançando em meio a nossas discórdias a bravura e a esperança dos nossos vinte anos? Vamos à busca da humanidade, da verdade, da justiça! (ZOLA, 1999, p. 78-76, tradução nossa).

Na segunda brochura, intitulada *Lettre à France*, o romancista tem por objetivo chamar seus concidadãos a tomarem consciência do erro judiciário que envolvia o caso Dreyfus:

Já sonhaste que o perigo está justamente nessas trevas obstinadas da opinião pública? Centenas de jornais repetem diariamente que a opinião pública não quer que Dreyfus seja inocente, que sua culpa é necessária à salvação da pátria. [...] aqueles dos teus filhos que te amam e te honram, França, têm somente um dever ardente nesta hora grave: o de agir poderosamente sobre a opinião, esclarecendo-a, trazendo-a de volta, salvando-a do erro no qual paixões cegas a lançaram. (ZOLA, 1999, p. 82-83, tradução nossa).

Zola pensou ainda em uma terceira publicação que seria dirigida ao presidente do país, *Lettre au président de la République*, texto que se transformou no conhecido artigo *J'accuse!*, publicado pelo *L'Aurore*.

Já que ousaram, ousarei também. Direi a verdade, pois prometi dizê-la se a justiça, em seu curso regular, não o fizesse de forma plena. Meu dever é falar, não quero ser cúmplice [...]. E é ao senhor, o presidente da República, que clamarei essa verdade, com toda minha força de homem de honesto. [...]. Ao fazer essas acusações, não ignoro que me submeto aos artigos 30 e 31 da lei de imprensa de 29 de julho de 1881 [...], que pune os delitos de difamação. É voluntariamente que me exponho. (ZOLA, 1999, p. 97-98-113, tradução nossa).

A situação política francesa estava um tanto fragilizada. O país ainda abalado pela derrotada imposta pela Alemanha acaba entrando em um clima de paranoia, no qual predominava a espionagem e a traição. As discussões sobre o patriotismo e o papel das forças armadas estavam na ordem do dia.

As crises da III República francesa

A Cisão social posta é de certa forma uma continuidade do período anterior, marcado pelo movimento Boulangista e o Escândalo do Canal do Panamá. A ascensão do general Boulanger surgiu como uma forma inevitável. Sua força – e também sua fragilidade – era resultado do fato de que ele parecia unir todos os descontentes, condensar diferentes ideais. Os realistas acreditaram que Boulanger poderia ser útil à causa monarquista; os católicos o viam como um enviado por Deus para salvar a França e as virtudes cristãs; o Exército, guardião da ordem social, o percebia como instrumento

a uma futura revanche; os que detestavam o sistema parlamentar, sua impotência, sua corrupção, também se voltavam para ele; os segmentos vinculados às classes populares o avistavam como um chefe, puro e firme, que poderia acabar com o liberalismo burguês, com a exploração capitalista e com todas as desgraças da época (BRENDIN, 1995). Verdadeiramente um salvador da pátria. Contudo o desfecho da trajetória deste general e ex-ministro da guerra resultou na sua condenação por conspiração, o que o levou ao exílio e, logo depois, ao suicídio.

O boulangismo foi uma crise política, mas, sobretudo, foi uma tentativa de reorganização de setores conservadores que tinham como objetivos a desestabilização da III República. Uma estranha aglutinação de forças políticas, uma crise que não se encerrou e que teve continuidade nos anos 90, alimentando o antissemitismo e reforçando manifestações de nacionalismo. Os descontentes com a República não desistiram, levantando a bandeira da corrupção, prosseguiram a sua luta, mobilizando a opinião pública sobre o episódio que ficou conhecido como o Escândalo do Panamá.² Este evento de dimensões globais marcou a história econômica e política da França pela crise financeira e política que gerou, tratava-se de uma questão de suposta corrupção parlamentar. Os nacionalistas franceses acusaram, em 1892, parlamentares de terem recebido ações para a autorização de medidas de levantamento de fundos para a construção do canal (BISPO, 2009). O movimento boulagista, o escândalo do Panamá e o episódio Dreyfus foram processos políticos e fenômenos midiáticos que marcaram um período de instabilidade.

L'affaire Dreyfus e as vanguardas políticas

Este contexto mobilizou políticos, jornalistas e escritores; intelectuais que se filiavam a diversas correntes de pensamento, proporcionando a estruturação de dois grandes campos: os favoráveis e os contrários a Dreyfus. A campanha protagonizada por Zola pela absolvição de Dreyfus teve, como fortes aliados, seguidores anarquistas e socialistas.

² Com a falência da firma fundada por Lesseps, a *Compagnie Universelle du Canal Interocéanique de Panamá*, em 1889.

Segundo Kettani³, o movimento anarquista foi um ponto convergente entre os diversos discursos de escritores, no momento do episódio Dreyfus e nos acontecimentos políticos que o antecederam. O suporte do mundo literário à causa anarquista contribuiu para estabelecer uma continuidade entre as reivindicações anarquistas e o dreyfusismo futuro, conclui Kettani. Entre os escritores anarquistas que se envolveram com o episódio Dreyfus, vale destacar Mirbeau (1990, p. 129) que afirmava que: “o anarquismo [...] é a liberdade de desenvolvimento do indivíduo, em um sentido normal e harmônico [...] a utilização espontânea de todas as energias humanas, criminalmente desperdiçadas pelo estado”⁴. Apesar de sua recusa a toda forma de violência imposta pela ação política, Zola não ficou indiferente a este movimento:

[...] os anarquistas, eu falo bem entendido dos anarquistas sinceros, não existe uma só palavra para qualificá-los: são poetas. É a eterna poesia noire, velha como a humanidade, como o mal, como a dor. São seres de coração, cabeças visionárias, impacientes sonhadores [...] não creio que o sonho anarquista desapareça jamais. Este sonho noir de demolidores subsistirá sempre ao lado do sonho azul de idealistas. Todos os dois provenientes de uma mesma necessidade. E isso durará tanto quanto o mal, tanto quanto a dor, isto é, tanto quanto a humanidade. (CARRÈRE, 1892, p. 2).

Ainda, nesse campo de vanguarda, a influência das idéias socialistas refletiu-se nos discursos literários de vários escritores dreyfusards, a citar, Charles Peguy e Romain Rolland. Embora o discurso anarquista fosse fonte de mobilização da juventude intelectual, foi à retórica socialista que, ao somar-se com o movimento Dreyfus, encontrou um acolhimento que se estendeu para além do episódio. O jovem Romain Rolland, arrebatado por ideias socialistas, definiu a doutrina como um apelo irresistível e uma revolução interna:

[...] as ideias socialistas infiltram-se em mim, apesar de mim, apesar de meus interesses, apesar de minhas repugnâncias, apesar do meu egoísmo. Sem que eu queira pensar sobre isso, a cada dia elas penetram em meu coração [...]. (ROLLAND, 1895 apud BAQUIN-BENSLIMANE, 2007, p. 70, tradução nossa).

³ *Université Sorbonne Nouvelle – Paris III Ecole doctorale 120 : Littérature française et comparée. De l’Histoire à la fiction : les écrivains français et l’affaire Dreyfus. Thèse dirigée par M. Alain Pagès Soutenue le 8 janvier 2010.*

⁴ Publicado originalmente em: MIRBEAU, O. Ravachol. *L’En Dehors*, [Paris], 1er mai 1892.

Para Rolland assim como para Zola, o impulso socialista é mais um movimento moral e filosófico do que político. Um compromisso de ideias; não um compromisso de ação. O socialismo, para Zola, era tanto o horizonte da juventude como um elemento essencial de sua relação com a literatura, acreditando que a juventude literária seria inevitavelmente impulsionada ao socialismo:

O que há, nas jovens gerações literárias de ardor, de força, de entusiasmo, de generosidade, se dirige naturalmente ao socialismo [...]. O socialismo está ao fundo de tudo: não é necessário grande esforço para descobri-lo. Pessoalmente, eu o encontro em todos os lugares; minhas pesquisas, aonde quer que eu as conduza sempre me fizeram tocar no problema social. (HURET, 1891, p. 43, tradução nossa).

Acreditando que a política era uma coisa vã e que as questões sociais deveriam, ao contrário, estar na cabeça de todo homem que pensa e reflete (HURET, 1891), Zola construiu sua literatura politicamente orientada a uma ação social voltada para a defesa do povo, dos desafortunados, e conferiu à sua obra uma dimensão benfeitora: Durante o episódio Dreyfus esta ideologia socialisante fez com que Zola espontaneamente tomasse partido por um inocente injustamente condenado; em vez de os militares. Entre a Pátria e a República, Zola não hesita, está ao lado da República com tudo que ela tem de mais significativo, está ao lado de grandes questões que se apresentavam: a luta pela justiça, a perseguição continua pela verdade, a separação da Igreja e do Estado. Questões que ganham a dimensão não só de denúncia, mas, sobretudo, de defesa da humanidade.

Vérité uma proposta para o futuro

L'affaire Dreyfus forneceu a Zola, em 1902, o argumento de seu romance *Vérité*, que surgiu em folhetim no jornal *L'Aurore*. A personagem Dreyfus é representada como um professor laico, Simon, injustamente acusado de um crime crapuloso contra um adolescente. O homem que, ao preço de sua reputação e de sua felicidade familiar, se empenha para que a verdade surja é Marc, esta personagem que é também professor. A justiça é restituída. A reabilitação de Simon coincide com o triunfo da Escola Laica.

É essa dimensão que evidenciamos em *Vérité*. O episódio Dreyfus gerou uma vasta literatura jornalística e ficcional que acaba por permitir uma releitura da realidade

histórica, sublinhando não só acontecimentos, mas também articulando textos de diversos autores. São narrativas, ideológicas e estilísticas, que se auto-influenciam e apresentam clichês, motivações dominantes e mitos que fundaram a retórica do episódio.

*Les évangiles*⁵: *Travail*, *Fécondité* e *Vérité* apresentam uma retórica de persuasão que transforma esse ciclo em um conjunto narrativo utópico. Essas obras são espécies de romances teses que estão longe de ser unicamente um simulacro de verossimilhança, mas verdadeiramente são uma proposta para o futuro. Uma escrita repleta de trocas entre o real – ilusão realista – e as utopias, parafraseando Cosset (1990) utopias que são sintomas de uma sociedade em crise, que são simplesmente o inverso mágico de um lugar ou situação não satisfatória, na qual Zola reabilita os sonhos nos aspectos de utopias sociais. Em suas últimas obras, Zola se apresenta e apresenta sua literatura de forma extremamente positiva.

Desejo um otimismo radiante, É a conclusão natural de toda minha obra, após a longa constatação da realidade, uma extensão para o amanhã e de uma maneira lógica, meu amor à força e à saúde, à fecundidade e ao trabalho, minha necessidade latente de justiça, explode enfim. (ZOLA, 1968, p. 506, tradução nossa).

Em *Vérité* (1902), observa-se a vontade de fazer triunfar os grandes ideais e de assegurar o sucesso absoluto dos bons. O enredo apresenta de certa maneira três grandes personagens: a Igreja, a República e a Escola. A questão que está em jogo é a polêmica que a França viveu, nos anos 1900, relacionada à reformulação do ensino, que refletiu a problemática da Igreja e do Estado (OUVRARD, 1986), é o futuro da juventude francesa. Curiosamente, é o episódio Dreyfus que proporciona ao escritor o centro da intriga.

Encontramos, em *Vérité*, o episódio Dreyfus transformado. Zola, ao “[...] abriremos para o irreal, nos leva ao que é essencial na realidade” (RICOEUR, 1983, p. 296) de sua contemporaneidade. Zola representa, na ficção, o presente como um pesadelo insuportável e incompreensível, originário de uma herança obscura do passado, que contrasta com a utopia límpida e objetiva na qualidade de um mundo ideal que virá.

⁵ Último título, *Justice*, Zola deixou somente notas.

Referências

BASQUIN-BENSLIMANE, C. B. Romain Rolland, Intellectuel engagé? *Europe: Revue littéraire mensuelle* – Romain Rolland, v. 85, n. 942, p. 66-76, oct. 2007

BISPO, A. A. "Escândalo do Panamá": crise financeira e reorientação geo-político-cultural nas Américas da França aos EUA e contextos judaicos. **Revista Brasil-Europa**, [Gummersbach], v.118, n. 6, 2009.

BREDIN, J.-D. *O caso Dreyfus*. Tradução Maria Alice Araripe de Sampaio Dória e Renata Maria Parreira Cordeiro. São Paulo: Página Aberta, 1995.

CARRÈRE, J. Entretiens sur L'anarchie. *Journal Le Figaro*, Paris, 25 abr. 1892.

COSSET, E. *Les quatre évangiles d'Émile Zola*. Genève: Droz, 1990.

DENIS, M.; LANGRÉE, M. L.; VEILLARD, J.-Y. *L'affaire Dreyfus et l'opinion publique en France et à l'étranger*. Rennes: PUR, 1995.

HAUSER, A. *História social da literatura e da arte*. São Paulo: Mestre Jou, 1972. v. 2.

HURET, J. *Enquête sur l'évolution littéraire: conversations avec MM. Renan, de Goncourt, Émile Zola, Guy de Maupassant, Huysmans, Anatole France, Maurice Barrès... etc.* Paris: Charpentier, 1891.

MIRBEAU, O. *Combats politiques*. Paris: Séguier, 1990.

OUVRARD, P. *Zola et le prêtre*. Paris: Beauchesme, 1986.

RICOEUR, P. *A metáfora viva*. Porto: Rés Formalpress, 1983.

ZOLA, É. *J'accuse! la verite en marche*. Paris: Complexe, 1999.

_____. *Le roman expérimental*. Paris: Flammarion, 2006.

ZOLA, É. *Œuvres complètes*. Ed. Henri Mitterand. Paris: Cercle du Livre Précieux, 1968. v. 15. t. 8.